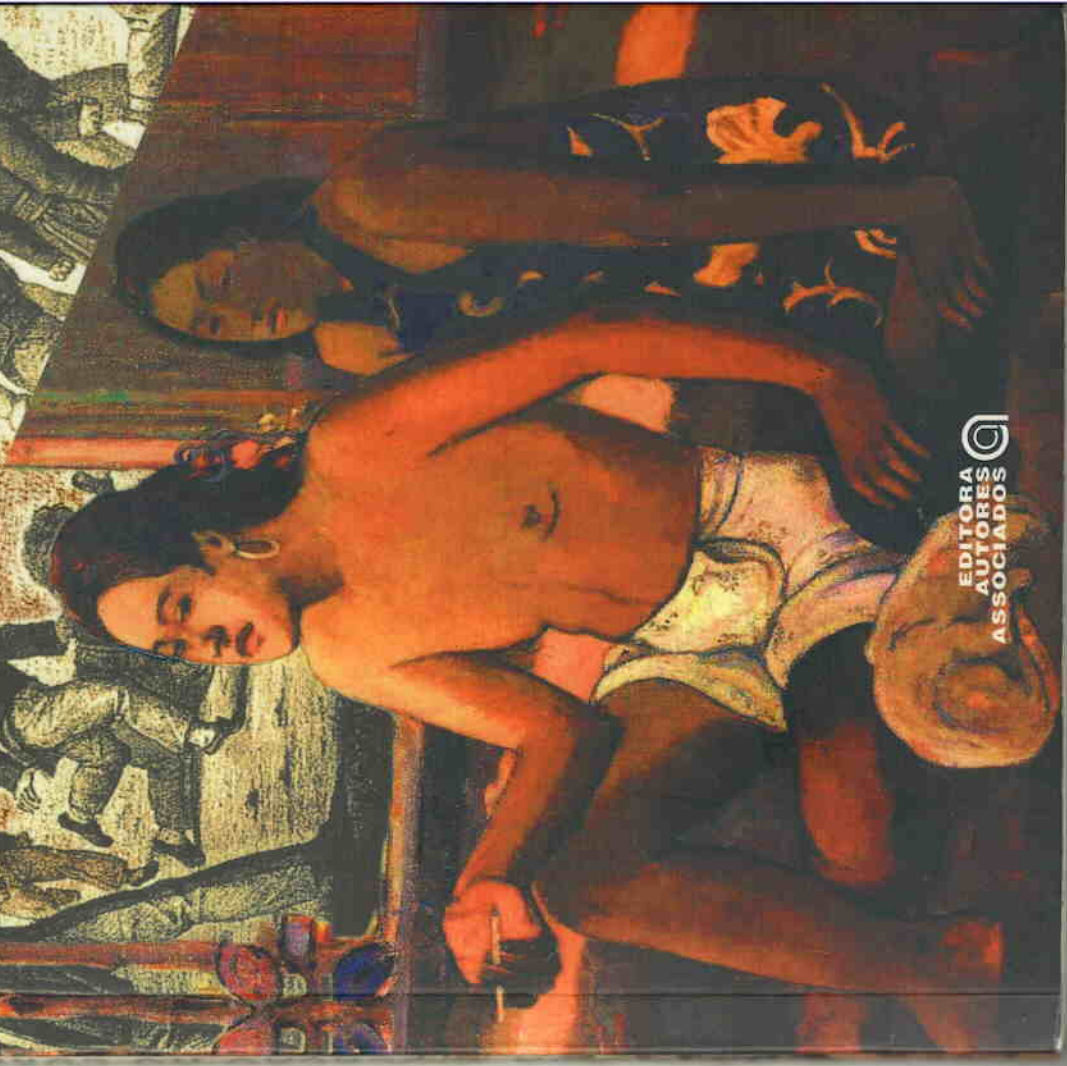


IMAGENS DA EDUCAÇÃO NO CORPO

Carmen Soares



EDITORA
AUTORES
ASSOCIADOS

Conselho Editorial

*Casemiro dos Reis Filho, Dermeval Saviani,
Gilberta S. de M. Jannuzzi, Walter E. Garcia*

Diretor Executivo
Flávio Baldy dos Reis

Diretora Editorial
Gilberta S. de M Jannuzzi

Diagramação e Composição
Vlad Camargo

Revisão
Margarette de Souza Freitas

Capa
Criação e Leitura a partir de Paul Gauguin
"Eiaha Ohipa" (Não ao Trabalho) - 1896
e ilustração "Ginásio Normal Militar e Civil de Amoros"-1820
Milton José de Almeida

Arte Final
Vlad Camargo

Copyright © 1998 by Editora Autores Associados

EDITORA AUTORES ASSOCIADOS

Caixa Postal 6164

CEP:13081-970

Campinas - SP

Fone/Fax: (019) 289-5930

IMAGENS DA EDUCAÇÃO NO CORPO

ESTUDO A PARTIR DA

GINÁSTICA FRANCESA NO SÉCULO XIX

CARMEN LÚCIA SOARES

COLEÇÃO EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

EDITORA
AUTORES
ASSOCIADOS

EDUCAÇÃO NO CORPO: A RUA, A FESTA, O CIRCO, A GINÁSTICA

Na Europa, ao longo de todo o século XIX, a Ginástica científica afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade. Exibe um corpo milimetricamente reformado, cujo porte ostenta uma simetria nunca antes vista. Nada está solto ou largado. Nada está fora do prumo. Este corpo fechado e empertigado desejou banir qualquer vestígio de exibição do orgânico e, sobretudo, qualquer indício de perda de fixidez, qualquer sinal de um estado de mutação.

Forma-se no século XIX, de um modo mais preciso que em outros momentos da história do homem ocidental, uma pedagogia do gesto e da vontade, configurando-se, assim, uma "educação do corpo", já reconhecida como importante.

Os silêncios contidos nos gestos esboçam imagens que devem ser internalizadas em posições e comportamentos. A Ginástica, com suas prescrições, enquadra-se nesta pedagogia e se faz portadora de preceitos e normas.

(...) "O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões".

I. VIGARELLO, 1978, p. 9. Ver também FOUCAULT (1986:80), para quem o "(...) controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica".

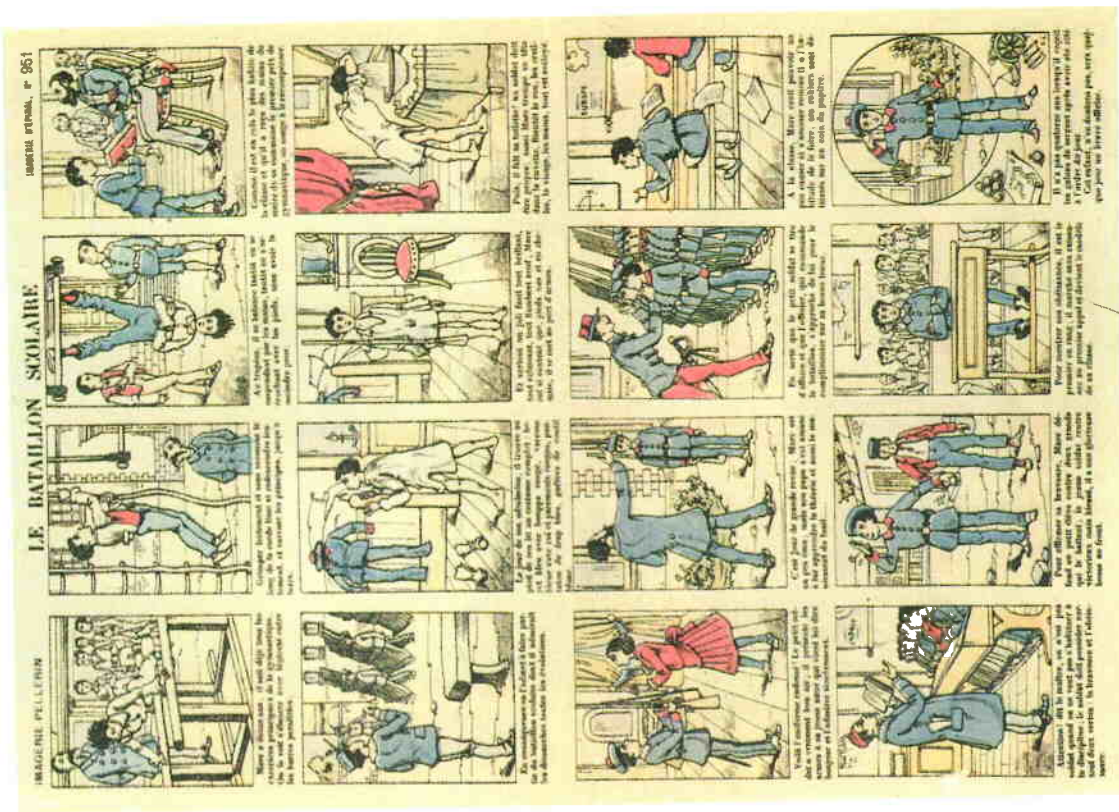


Fig. 27 - O Batalhão Escolar, 1885

Os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam. Desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deve incidir uma educação que privilegie a retidão corporal, que mantenha os corpos apurados, retos ou como sublinha Vigarello, que os mantenha em verticalidade².

O corpo reto e o porte rígido comparecem nas introduções dos estudos sobre a Ginástica no século XIX. Estes estudos, carregados de descrições detalhadas de exercícios físicos que podem moldar e adestrar o corpo, imprimindo-lhe este porte, reivindicam com insistência seus vínculos com a ciência e se julgam capazes de instaurar uma ordem coletiva. Com estes indícios, a Ginástica assegura, neste momento, o seu lugar na sociedade burguesa.

Sua prática, em diferentes países da Europa, faz nascer um grande movimento, que foi chamado, genericamente, de Movimento Ginástico Europeu³. Como expressão da cultura, este movimento se constrói a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia. Possui em seu interior princípios de ordem e disciplina coletiva que podem ser potencializados.

Para sua aceitação, porém, estes princípios de disciplina e ordem não são suficientes. Ao movimento ginástico é exigido o rompimento com seu núcleo primordial, cuja característica dominante se localiza no campo dos divertimentos.

É, portanto, a gradativa aceitação dos princípios de ordem e disciplina formulados pelo Movimento Ginástico Europeu e o, também gradativo, afastamento de seu núcleo primordial que vai, pouco a pouco, afirmar a Ginástica como parte da educação dos indivíduos. Uma Ginástica que estará reformulando seus preceitos a partir da ciência, da técnica e das condições políticas de uma Europa que, no século XIX, se consolida como centro do Ocidente.

Porém, é possível destacar que o reconhecimento da Ginástica pelos círculos intelectuais é fator decisivo para sua aceitação por uma burguesia que a deseja transformada e, assim, devolvida à população como conjunto de preceitos e normas de bem viver. É a partir deste reconhecimento que, de fato, a Ginástica passa a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e dos gestos. Como prática capaz de permitir que o indivíduo venha internalizar uma noção de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde como princípios organizadores do cotidiano.

E estas são as metas de um poder que, desde o século XVIII, vem construindo uma nova mentalidade científica, prática e pragmática, baseada na ciência e na técnica como formas específicas de saber.

Deste modo, o século XIX merece a atenção daqueles que desejam compreender o homem e a sociedade do Ocidente. A Europa, que consolida uma dupla revolução⁴, é o lugar da formação de um novo homem e de uma nova sociedade regida por um "espírito capitalista" que passa a dominar quase exclusivamente aquele presente.

Este tempo/espaco regido por este "espírito" afirma e difunde uma crença desmedida no chamado progresso e ancora-se nas conquistas da ciência, esta nova religião do homem oitocentista, que cria e (re)cria práticas sociais a partir, exclusivamente, de parâmetros ditados pelo "método científico", positivo em si⁵.

Uma ideologia científica impregna a vida de indivíduos, grupos e classes, transformando a sociedade em um grande organismo vivo que tende a evoluir do inferior ao superior, do simples ao complexo, e onde tudo pode (e deve) ser medido, classificado, comparado, definido e generalizado a partir da descoberta constante de "leis".

A partir de visões de mundo geradas no interior de teorias evolucionistas, organicistas e mecanicistas, o século XIX realiza a grande revolução científica dos laboratórios, da industrialização e do crescimento de disciplinas e de instituições sociais⁶.

Conforme observa Vovelle, a... "ideologia científica junto com uma filosofia biológica apoiam este sistema, que associa a explicação idealista (do progresso da razão) à explicação materialista e mecanicista (os triunfos da vida sobre a morte)"⁷.

A ciência deste período dirige um certo tipo de esquadramento da vida em todas as suas dimensões, pretendendo estabelecer uma ordem lógica nas atividades e um adequado aproveitamento do tempo ou, mais precisamente, uma economia de energias.

A Ginástica é constitutiva desta mentalidade. Destaca-se pelo seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico. É possível afirmar que, ao longo do século XIX, surgem inúmeras tentativas de estender sua prática ao conjunto da população urbana cada vez mais numerosa e potencialmente "perigosa" para os objetivos do capital. Havia ainda mais uma vantagem na aplicação da Ginástica: a suposta aquisição e preservação da saúde, compreendida já como conquista/responsabilidade individual, podia ocorrer como decorrência de sua prática sistemática, afirmavam higienistas e pedagogos, como críticos dos "excessos do corpo" vividos por acrobatas e funâmbulos.

4. Cf. HOBBSAWM (1982:18) "... não seria exagerado considerarmos esta dupla revolução - a francesa, bem mais política, e a industrial (inglesa) - não tanto como coisa que pertença à história dos dois países que foram seus principais suportes e símbolos, mas sim como a cratera gêmea de um vulcão regional bem maior."

5. Sobre o assunto, consultar, entre outros BERNAL (1975: v.1 e 3); COMTE (1983); LUZ (1988); LOWY (1987).

6. A esse respeito ver DURKHEIM (1983:78-79); LUZ (1988:78-79).

7. VOVELLE, 1991, p. 144.

2. VIGARELLO, 1978, p. 9.

3. Esta expressão é utilizada por LANGLADE & LANGLADE (1986).

Abarcando uma enorme gama de práticas corporais, o termo Ginástica,⁸ pertence ao gênero feminino, de designação feminina e que historicamente se constrói a partir de atributos culturalmente definidos como masculinos: força, agilidade, virilidade, energia/tempera de caráter, entre outros, passa a compreender diferentes práticas corporais. São exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima, danças e canto⁹.

Em suas primeiras sistematizações na sociedade ocidental européia, o termo Ginástica foi assim compreendido. Quando os círculos científicos se debruçam sobre o seu conteúdo, desejam então aprisionar todas as formas/linguagens das práticas corporais sob uma única denominação: GINÁSTICA.

O Movimento Ginástico Europeu foi, portanto, um primeiro esboço deste esforço e o lugar de onde partiram as teorias da hoje denominada Educação Física no Ocidente. Balizou o pensamento moderno em torno das práticas corporais que se construíram fora do mundo do trabalho, trazendo a idéia de saúde, vigor, energia e moral coladas à sua aplicação.

Este é o Movimento que pode ser pensado como o conjunto, sistematizado pela ciência e pela técnica, do que ocorreu em diferentes países ao longo de todo o século XIX, especialmente na Alemanha, Suécia, Inglaterra e França¹⁰.

Assumido pelos Estados Nacionais, este movimento apresentava particularidades do país de origem, mas, de um modo geral, acentuava finalidades muito semelhantes, como, por exemplo, regenerar a raça e promover a saúde em uma sociedade marcada pelo alto índice de mortalidade e de doenças, sem contudo alterar as condições de vida e de trabalho. Em um outro plano, as finalidades se completavam pelo desejo de desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver para servir à Pátria nas guerras e na indústria. Mas a finalidade maior foi, sobretudo, moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver¹¹.

Com estas finalidades, este movimento foi se consolidando também a partir de diferenças, sendo a mais radical aquela que ocorreu na Inglaterra. Lá, a prática corporal

8. Sua origem etimológica vem do grego *gymnikos*, adj. que é relativo aos exercícios do corpo, e de *gymn(o)*, elemento de composição culta que traduz a idéia de nu, do grego *gymnós*, "nu, despido", não coberto, que se limita a ser alguém ou alguma coisa, puro e simples, sem acessórios ou sem modificações... que não traz vestuário exterior, que só traz a roupa interior, a túnica; sem armadura ou armas. (MACHADO, 1977, v. 3, p. 151). Consultar ainda, ARNAUD, CAMY (1986: 54 et seq).

9. Sobre o assunto, consultar PEREIRA (s.d.): LANGLADE & LANGLADE (1986); CRESPO (1990).

10. Sobre o assunto, consultar PEREIRA, (s.d.), p. 423 et seq. especialmente.

11. Em trabalho publicado em 1994 intitulado *Educação Física: raízes européias e Brasil*, desenvolve o tema de modo mais detido (SOARES: 1994).

que se afirmou foi o jogo esportivo, constituindo então um movimento que acabou por desenvolver, aprimorar e consolidar a compreensão do esporte moderno¹².

Nos demais países europeus, afirmou-se a Ginástica, cujo conteúdo básico fora definido a partir de parâmetros formulados pela cultura grega que a compreendia ligada à idéia de saúde, beleza e força. Ciência e arte, então, explicitavam para esta cultura, as diferenças de aplicação, as possibilidades de classificação, bem como os efeitos dos exercícios sobre os indivíduos. Explicitavam, ainda, a relação direta que acreditava-se existir entre a Ginástica e o desenvolvimento do caráter, da moral e da virtude¹³.

Ciência e técnica parecem ter sempre comparado para afirmar a Ginástica como instrumento de aquisição de saúde, de formação estética e de treinamento do soldado. Compararam, sobretudo, para revelar a Ginástica como protagonista do que é racional, experimentado e explicado.

E é somente a partir da revelação do caráter científico da Ginástica que a burguesia do século XIX inicia um lento processo de tentativa de diferenciar sua aplicação entre os militares e a população civil.

Solicitava-se da ciência, então, o estabelecimento de diferenças, não de oposições e pensava-se, sobretudo, na preservação da disciplina e da ordem, tão caras à instituição militar.

Na França, havia uma vontade manifesta de sistematizar saberes que permitissem a compreensão da Ginástica a partir de cânones científicos. Desejava-se fazer dela um objeto de investigação científica e, desse modo, apartá-la definitivamente de seus vínculos populares. E são estes aspectos, bastante acentuados, que a fazem multifacetada e contraditória em seu desenvolvimento no século XIX, tornando-a, assim, referência para o desenvolvimento deste trabalho.

12. O movimento esportivo expandiu-se, tal qual expandiu-se o modo de ser e de viver da burguesia inglesa. O esporte conscientiza, aliena, (re)cria e afirma o homem burguês: ágil, educado, obediente e, sobretudo, cumpridor e adorador de regras sociais, morais, físicas... Este movimento cria o gosto pelo aparato burocrático do esporte moderno, este imenso universo de signos, símbolos e linguagens que encantam multidões e que já serviu e ainda serve as mais díspares ideologias.

Fenômeno de massas, espetáculo de plasticidade quase coreográfica, o esporte em suas diferentes manifestações, cada vez mais desenvolve-se colado, ou como expressão de formas específicas de saber, como a ciência e a técnica. Como marca da passagem de homens e mulheres pelo mundo, situa-se no âmbito da cultura.

Para o senso comum, o esporte ou os esportes significam qualquer forma de exercitação física e exercem um fascínio que, monitorado pela mídia, transforma-se quase em fetiche. A esse respeito, consultar PEREIRA (s.d.: 347 et seq.); GRIESWELLE (1978); SPIVAK (1988:178). *La preparación militar en Francia, un Fracasso del regimen republicano*.

13. Para maiores informações, consultar JAEGER (1989).

Cabe registrar também que os homens de ciência que na França dedicaram-se ao estudo da Ginástica declaravam-se profundos admiradores da cultura grega, julgando-se, inclusive, seus legítimos continuadores. Percebiam a Ginástica como importante instrumento de recuperação daquela cultura e sociedade, por eles identificada como portadora da mais absoluta harmonia.

A Ginástica então deveria ser pensada pelo aparato científico disponível e assim colocada em igualdade com outras práticas sociais, explicada e sistematizada. Devia tornar-se obrigatória para a sociedade em geral, bem como prática regular em todos os currículos escolares.

A base de saberes que serviu para estruturar um conhecimento mais preciso sobre a Ginástica localizou-se principalmente na Anatomia e Fisiologia, a partir das quais, meticulosamente, foi-se estruturando um grande esboço do que se poderia chamar de "teoria geral da ginástica". Como se poderá observar nos primeiros trabalhos sobre Ginástica, não há o menor descuido com a globalidade do corpo em ações específicas, nas quais explicações também específicas para cada ação foram buscadas, nada escapando aos mil olhos da ciência.

Autores como G. Demyen*, E. Marey*, F. Lagrange*, renomados cientistas que se debruçavam sobre o estudo e o aperfeiçoamento do gesto no traba-

lho, elegem a Ginástica como instrumento privilegiado para treinar o gesto harmônico e econômico.

Afnados com o Estado constituído, exortam a moral de classe (burguesa) afirmando, em seus tratados sobre a Ginástica, o "culto" à saúde, ao corpo e à Pátria. "Oculto", contudo, o raciocínio que cria os meios, bem mais profundos e maiores do que a Ginástica, para a obtenção da saúde. De uma saúde que não pode ser obtida nem preservada em condições miseráveis e degradantes a que estava sujeita a maioria da população que exercia algum tipo de "trabalho livre" na indústria, no comércio, nas minas. Lugares que fazem nascer e crescer o tão propalado progresso no mundo ora dominado pela ciência e pela técnica, estas musas da burguesia que realizam o seu triunfo.

A Ginástica, então, passa a ser apresentada como produto acabado e comprovadamente científico. Radicaliza, no universo das práticas corporais existentes, a visão de ciência como atividade humana capaz de controlar, experimentar, comparar e generalizar as ações de indivíduos, grupos e classes.

Do menor gesto do trabalhador em "atividade produtiva" na indústria e fábrica que se afirmam como expressão do domínio do homem sobre a natureza até a mais ousada acrobacia, seria a ciência a prescrever, indicar e ditar, enfim, o modo de realizar a tarefa... a forma de viver. A Ginástica científica se apresentava como contraponto aos usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculo, pois, trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia.

Desse modo, práticas corporais realizadas nas feiras, nos circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes e anões despertavam sentimentos ambíguos de maravilhamento e medo passam a ser observadas de perto pelas autoridades.

O circo é uma atividade que exerce grande fascínio na sociedade européia do século XIX. Ali o corpo é o centro do espetáculo, de todas as "variedades" apresentadas pela multifacetada atuação de seus artistas.

Conforme observa Catherine Strasser¹⁴, nas duas últimas décadas do século XIX, o circo surgia como a encarnação do espetáculo moderno e seu sucesso era inegável nas diferentes classes sociais que, inclusive, assistiam ao mesmo espetáculo porém, em dias e horários especiais. Nas artes plásticas, também, o seu registro é singular: Seurat, Degas, Renoir, Toulouse-Lautrec trabalharam em seus quadros toda a orgia de movimentos e cores que o circo oferecia.

Mas tudo isso não impediu o crescente receio da família burguesa, de profissionais que "cuidavam" do corpo, como, por exemplo, os médicos, de higienistas e filantropos frente a este universo que se apresentava de modo tão encantador e, porque não dizer,

* Georges DEMENY nasceu em Dowai, França, em 12 de junho de 1850. Entre os anos de 1860 e 1872, seguiu o curso de Matemáticas Especiais e, em seguida, na Sorbone, em Paris, dedicou-se ao estudo da Fisiologia. Biólogo, fisiologista e pedagogo fundou o Círculo de Ginástica Racional, cuja atividade incluía cursos, palestras e publicações destinadas aos professores que ensinavam Ginástica. Juntamente com o médico e fisiologista E. J. Marey, fundou a Estação Fisiológica do Parque dos Príncipes e dirigiu o laboratório de Fisiologia de 1880 até 1894. No ano de 1900, organizou o Congresso Internacional de Educação Física. Os debates desse Congresso permitiram reformas na Armada e suas teses e conclusões propagaram-se pelo estrangeiro. Em 1902, organizou o curso de Educação Física da Escola Normal e Militar de Joinville le Pont e foi nomeado professor de Fisiologia. Nesta escola, também organizou o laboratório de pesquisa fisiológica. No ano de 1903, organizou o primeiro curso superior de Educação Física na França - Lycée Janson-de-Sailly. Georges Demyen morreu em Paris, em 26 de dezembro de 1917. (Cf. REY-GOLLET, 1930, p. 63-121).

* Etienne Jules MAREY (1830-1904), médico e fisiologista francês que generaliza o emprego de aparelhos que servem para o registro gráfico de fenômenos fisiológicos. Juntamente com o fisiologista Auguste CHAUVEAU, estuda ainda a atividade cardíaca. Lei de Marey: lei da variação periódica da excitabilidade cardíaca e lei da uniformidade do trabalho do coração. Colocou igualmente em destaque a cronofotografia (1892): O Método gráfico nas ciências experimentais, 1878; estudo da locomoção animal pela cronofotografia, 1887. Com seus estudos, afirmou o movimento humano como objeto de estudo científico. (PETIT Robert, 1993:1148).

* Fernand LAGRANGE (1845-1909). Médico e fisiologista, dedicou parte de seus estudos para esclarecer questões relacionadas com a higiene e terapêutica e sua relação com a utilização do movimento. Criou assim uma teoria do movimento embasada em medições e séries fotogramétricas. Procurou demonstrar as relações entre as atividades cardio-pulmonares e o trabalho muscular. (PEREIRA, (s.d.), p. 401).

"perigoso" para a idéia de disciplina e ordem burguesas, sobretudo no que se refere aos usos do corpo. A razão básica do crescente receio era a constatação de que o universo gestual próprio do circo apresentava uma total ausência de utilidade. O corpo ali exibido em movimento constante despertava o riso, o temor e, sobretudo, a liberdade. Havia uma inteireza lúdica na gestualidade de cada personagem: o anão, o palhaço, o acrobata, a bailarina (Figura 2). Esta inteireza não cabia na sociedade cindida, fundada e engida pelo pensamento burguês. A atividade física fora do mundo do trabalho devia ser útil ao trabalho. A atividade livre e lúdica, encantatória, do acrobata devia ser redeseenhada no imaginário popular. Em seu lugar e a partir daquele universo gestual, nasceriam as "séries de exercícios físicos", pensados, exclusivamente, a partir de grupos musculares e de funções orgânicas, a serem aplicados com finalidades específicas, úteis, e não como mero entretenimento.

Instalava-se, também, com força nunca antes vista, um desejo de controlar o divertimento do povo, o tempo fora do trabalho. Conforme observa Hobsbawm, no divertimento dos pobres, especialmente na 1ª metade do século XIX, vamos encontrar basicamente... "revistas de contos sentimentais, circos, pequenas exibições com uma atração principal, teatros mambembes e coisas semelhantes"¹⁵.

Nos meios urbanos, são diferentes manifestações lúdicas de caráter popular realizadas com base nas atividades de artistas circenses que se impõem. Elas trazem ainda os restos de uma concepção de mundo popular, a ambivalência característica da cultura popular da Idade Média e do Renascimento. De uma cultura não oficial e de um território e datas próprias: a praça pública, a rua e os dias de festa¹⁶.

Equilibristas, funâmbulos, volantes, palhaços, bailarinas, contorcionistas, anões, personagens que chegam e partem, transitórias, nômades (Figura 1).

Qual era o seu lugar? O seu lugar era o mundo inteiro conhecido e, principalmente, imaginado. Era sempre o lugar onde houvesse gente que se dispusesse a rir, a aplaudir, a se embevecer com as peripécias do corpo, de um corpo ágil, alegre, cheio de vida porque expressão de liberdade e, sobretudo, resistente às regras e normas. Estes artistas viviam na contramão, fora da idéia de utilidade de ações. O seu mundo era desinteressado. Suas vidas se faziam mais de trajetos do que de lugares a se chegar e, assim, desterritorializavam a ordem do espaço¹⁷. Suas apresentações aproveitavam dias de festas, feiras, mantendo uma tradição de representar e de apresentar-se nos lugares onde houvesse concentração de pessoas do povo.

15. HOBBSAWM, 1982, p. 292-293.

16. As análises a que procedo em relação ao tema cultura popular na Idade Média e Renascimento estão baseadas nas obras de BAKHTIN (1987, 1993).

17. Ver o excelente trabalho de DUARTE (1993).

Artistas, estrangeiros, errantes. Situados no limite da marginalidade fascinavam as pessoas fncadas em vidas metrificadas e fixas. Eram ao mesmo tempo elementos de barbárie e de civilização nos lugares por onde passavam. "Bárbaros: nômades, sem vínculos sociais fixos, quase vagabundos. Civilizados: pessoas que viajavam, conheceram várias cidades e até mesmo outros países, elegantes, com posses e vestes admiradas e invejadas..."¹⁸.

Compunham assim todos os atos do "teatro do povo"¹⁹ e cada vez mais despertavam o medo nas autoridades, pois seu modo de ser e viver desafiava as instituições, tão caras à sociedade que as inventara de modo tão profundo. Traziam o corpo como espetáculo. Invertiam a ordem das coisas. Andavam com as mãos, lançavam-se ao espaço, contorciam-se e encaixavam-se em potes, em cestos, imitavam bichos, vozes, produziam sons com as mais diferentes partes do corpo, cuspiam fogo, vertiam líquidos inesperados, gargalhavam, viviam em grupos. Opunham-se assim aos novos cânones do corpo acabado, perfeito, fechado, limpo e isolado que a ciência construía, da vida fixa e disciplinada que a nova ordem exigia.

Nos escritos sobre a Ginástica científica no século XIX encontra-se, de modo sistemático, a negação de elementos cênicos, funambulescos, acrobáticos. Encontra-se, sobretudo, uma retórica de recusa aos espetáculos próprios do mundo circense e das festas populares onde o corpo ocupa o lugar central.

Paradoxalmente, porém, é a Ginástica científica que se oferece como espetáculo "controlado" dos usos do corpo, um espetáculo protegido e trazido para dentro das instituições. Assim, pode-se indagar, por exemplo, o que eram as classes de alunos de Ginástica nos Ginásios amorosianos em Paris, na primeira metade do século XIX, senão uma confirmação do espetáculo institucionalizado? E a figura do mestre, o Coronel Amoros* vestido em seu magnífico uniforme militar, dirigindo

18. DUARTE (1993), p. 115.

19. Esta expressão é tomada de CRESPO (1990: p. 443).

* FRANCISCO AMOROS Y ODEANO nasceu em Valença, Espanha, em 19 de fevereiro de 1770. Sua vida militar iniciou-se aos 9 anos de idade quando ingressou no exército espanhol. Em 1781, com 17 anos, foi nomeado 2º Tenente e, em 1803, Coronel. Foi secretário particular do Rei de Espanha, Carlos IV, a quem também adestrava em alguns exercícios, bem como tutor de seu filho, o infante Don Francisco de Paula, então com a idade de 12 anos. A base da educação do infante espanhol foi a ginástica, a esgrima, a natação e a equitação, base que, mais tarde, adotaria na França. No levante espanhol contra a dominação napoleônica, francesa, Amoros declarou-se inimigo de Fernando VII e uniu-se a José Bonaparte, ficando do lado dos franceses. Foi deportado para a França em 1814 e, em 1815, torna-se membro da Sociedade para a Instrução Elemental, em Paris, onde apresenta um Estudo sobre as vantagens do Método de Pestalozzi. Em 1816, naturalizou-se francês e iniciou seus empreendimentos para a criação dos Ginásios. A partir de 1820, começou a publicar seus estudos sobre a Ginástica. Amoros morreu em Paris, em 8 de agosto de 1848, aos 78 anos de idade. Cf. DEL POZO (1986). Ver também Seminário Francisco Amoros..., 1988; REYS, 1961.

pessoalmente as classes de alunos de diferentes idades, não estaria encarnando a figura do artista, daquele que se exhibe? (Figura 3).

O Coronel Amoros convidava com regularidade ao seu Ginásio a imprensa e o grande público de Paris, sempre ávido em assistir espetáculos sensacionais. Nesses momentos, Amoros se brindava com uma ocasião singular de abrilhantamento pessoal. No decorrer de sua "aula" (ou seria de seu "espetáculo?"), chegava a arrancar aplausos de uma platéia desprovida de conhecimentos para julgar seu conteúdo, mas sempre disposta a prestar homenagens a quem (o artista?) soubera criar exercícios e evoluções deveras emocionantes²⁰.

Percebe-se neste episódio a tentativa de valorização do espetáculo institucional, por seu lado, carregado de insígnias militares e que se afirmava pela sua própria negação. As palavras que seguem, pronunciadas pelo Coronel Amoros, são singulares:

... () O Ginásio Normal nunca foi e não pode tornar-se um espetáculo, já que tenho a honra de dirigi-lo, já que todos os meus alunos não fazem as belas coisas que eles realizam para divertir espectadores mas somente para se disporem a serem úteis ao Estado²¹.

Nestas palavras, percebe-se que o corpo, no "espetáculo institucionalizado", deve apresentar e afirmar ações previsíveis, controladas, e que demonstrem o seu útil aproveitamento na vida cotidiana. Há aqui uma nítida demonstração da busca de identidade da Ginástica científica com a ordem estabelecida.

Assim, a retórica da negação do circo nos escritos sobre a Ginástica científica no século XIX foi-se ampliando. Acentuou-se, por exemplo, o temor ao imprevisível que o circo, aparentemente, apresentava. Seus artistas de arena, em suspensões e gestos impossíveis e antinaturais, a mutação constante de seus corpos se transformou numa ameaça ao mundo de fixidez que se desejou criar.

Afirmava-se, por exemplo, que enquanto na Ginástica se aprendia a adquirir forças, armazenar e economizar energias humanas, no circo, os artistas faziam o uso desmedido de suas forças e gastavam inutilmente as energias. Contraditoriamente, porém, é nas atividades circenses que a Ginástica tem um de seus mais sólidos vórtices. Portanto, a retórica da negação do circo nos escritos de Ginástica no século XIX parece repousar em águas mais profundas. É que o circo, os espetácu-

20. Cf. DEL POZO, 1986, p. 294.

21. AMOROS, 1838, p. 262-263. Cf. ANDRIEU (1988: p. 119), a obra de Amoros foi publicada pela primeira vez em 1820 e reeditada em 1838 e 1848. Utilizo, neste trabalho, a edição de 1838, que pode ser encontrada, para consulta, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

los de ruas e feiras traziam consigo, marcadamente, uma compreensão do corpo enraizada na fértil cultura cômica e popular da Idade Média e do Renascimento. Esta cultura revela um certo tipo de imagens e, mais amplamente, uma concepção estética da vida prática, a qual Bakhtin chamou de realismo grotesco²².

No realismo grotesco,

"... o corpo e a vida corporal adquirem simultaneamente um caráter cósmico e universal; não se trata do corpo e da fisiologia no sentido restrito e determinado que se tem em nossa época; (...) O porta-voz do princípio material e corporal não é aqui o ser biológico isolado nem o egoísta indivíduo burguês, mas o povo, um povo que na sua evolução cresce e se renova constantemente (...). As manifestações da vida material e corporal não são atribuídas a um ser biológico isolado ou a um indivíduo "econômico" particular e egoísta, mas a uma espécie de corpo popular, coletivo genérico (...). A abundância e a universalidade determinam, por sua vez, o caráter alegre e festivo (não cotidiano) das imagens referentes à vida material e corporal"²³.

Nestas imagens, o corpo aparece fundido com todo o universo material que o circunda e com todos os corpos que se aproximam. Nelas são também evidenciados todos os signos de abundância e fecundidade, que, interpenetrando-se, formam algo que se mostra sempre inacabado. O corpo, assim, exhibe um estado permanentemente de gestação e de parto, de campo a ser fecundado. Outra característica básica destas imagens é o constante estado de mutação, de rompimento com toda

22. Cf. BAKHTIN (1987: 18 et seq.). ... "no realismo grotesco (...) o "alto" e o "baixo" possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente topográfico. O "alto" é o céu, o "baixo" é a terra, a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto corporal, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça) e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro. O realismo grotesco e a paródia medieval baseiam-se nessas significações absolutas". Cito ainda uma definição do grotesco, trazida por Bakhtin, da obra de L. Pinski: *O realismo na época renascentista*: ... "No grotesco, a vida passa por todos os estágios, desde os inferiores inertes e primitivos até os superiores mais móveis e espiritualizados, numa guirlanda de formas diversas porém unitárias. Ao aproximar o que está distante, ao unir as coisas que se excluem entré si e ao violar as noções habituais, o grotesco artístico se assemelha ao paradoxo lógico. A primeira vista, o grotesco aparece apenas como engenhoso e divertido, mas, na realidade, possui grandes possibilidades".

23. BAKHTIN, 1987, p. 17. Ainda Cf. BAKHTIN (1987:23). ... "uma das tendências fundamentais da imagem grotesca do corpo consiste em exibir dois corpos em um: um que dá a vida e desaparece e outro que é concebido, produzido e lançado ao mundo ... Do primeiro se desprende sempre, de uma forma ou de outra, um corpo novo".

superfície que se mostra plana. Desta mutação constante surgem, então, corpos cujas partes ganham formas de animais ou de objetos e onde narizes e bocas se multiplicam como orifícios que vão permitir a penetração do mundo neste corpo. Do mesmo modo, ganha significação tudo aquilo que cresce, que muda a forma que possui. São falos colorais e inúmeras protuberâncias que se afirmam como aquilo que está sempre prestes a sair para o mundo e nele penetrar. O corpo grotesco vive a plena comunicação com o universo e com os outros corpos (Figura 4).

Nas imagens grotescas, há uma inversão topográfica do corpo. Neste corpo, os órgãos genitais, as excreções e tudo o que é "baixo" possui um profundo sentido ambivalente, regenerador. O pensamento da elite, sobretudo o religioso, desconside-rava a "topografia baixa". Ela representava os infernos, as tentações, a sujeira, o que devia ser contido, escondido. Valorizava o "alto" onde se localiza a cabeça, o comando deste corpo. Valorizava as permanências e condenava a mutabilidade, as inversões. Este pensamento desejava afirmar um outro corpo: solitário, fechado, limpo e completamente acabado. Neste novo corpo, não devia aparecer nada que representasse crescimento ou que pudesse sugerir inacabamento ou traços de imperfeição.

Contudo, onde sobrevive o grotesco, sobrevive um tipo determinado de ousadia, de invenção, de associação e aproximação de elementos heterogêneos e distantes.

O circo e outras formas de exibições de rua carregavam, ainda, a herança de um universo grotesco. Acentuavam, desse modo, (...) "a repulsa misturada de fascínio que as culturas do Ocidente, a partir da Renascença, têm experimentado pelo anômalo"²⁴.

As exibições de rua, os circos, libertavam o espontâneo que fora aprisionado pelo saber científico, faziam renascer formas esquecidas da inteireza humana. Exibiam o que se desejava ocultar e despertavam imagens adormecidas no coração dos homens. Eram dissonantes à sociedade que se afirmava no século XIX.

Descortinava-se, assim, a luta árdua travada por uma burguesia que desejava todo o poder contra este "outro", que não é seu espelho e insiste em aparecer, em confrontar seus postulados de transparência, de ordem, de limpeza, de fixidez.

Para vencer este "outro", eram necessárias transformações profundas nos ânimos, vontades e costumes dos indivíduos. Era necessário "criar um homem novo em sua aparência, linguagem e sentimentos, dentro de um tempo e de um espaço remodelados, através de uma pedagogia do signo e do gesto que procedesse do exterior para o interior"²⁵.

24. BOSI, (s.d.), p. 191.

25. PERROT, 1991, v. 4, p. 17.

Compondo esta "pedagogia do signo e do gesto", a Ginástica ganha espaço e se afirma como forma específica de treinamento do corpo e da vontade deste homem novo que se desejou criar ao longo de todo o século XIX.

Como modelo técnico de treinamento do corpo, esta atividade humana expressou, na primeira metade do século XIX, a visão da mecânica predominante, então, nos meios científicos. O corpo devia ser moldado, inclusive, pelo uso de tipos especiais de aparelhos que se destinavam a corrigir e melhorar posturas consideradas inadequadas do ponto de vista médico, ortopédico e estético.

De um modo geral, disseminava-se a idéia de modelagem do corpo. As mães burguesas, por exemplo, desejavam "consertar" os corpos de suas filhas que não se enquadravam no padrão estético em voga. Assim, conforme observa A. Corbin... "impõem terríveis apalhos a suas filhas um tanto defeituosas; através do uso da cruz de ferro que mantém o dorso rígido, pretende-se aumentar os "dotes estéticos" das senhoritas casadouras"²⁶.

Já na segunda metade do século XIX predomina nos estudos do corpo o chamado modelo energético proposto pela termodinâmica. Este modelo aparece como um sistema de forças e em seguida como um motor, em que os objetivos são mais re-quinçados. O que se destaca, então, é o adestramento do corpo, uma ação que espe-rializa a modelagem.

O instrumento mais adequado para esta ação foi a Ginástica, uma atividade que não estava mais restrita aos meios militares, já havia atingido também a vida civil, conferindo aos corpos a sua máxima potência.

Nesta segunda metade do século XIX, a Ginástica francesa fora totalmente renova-da e redesenhada a partir de um requintado conjunto de trabalhos científicos. Ela se prepa-rava, desse modo, para atender as finalidades estabelecidas por uma sociedade que preco-rizava uma retidão de posturas e hábitos de vida considerados "saudáveis". Vícios posturais e doenças pulmonares deviam ser combatidos com séries específicas de exercícios fisi-cos, desenvolvidos pela Ginástica científica. Até as mulheres começaram a receber um tratamento especial e, assim, alertadas, de forma contundente, a abandonar todos os artifícios da moda como espartilhos, porta-seios, saltos altos, peças que formavam uma couraça e impediam o desenvolvimento corporal harmonioso da "futura mãe". É neste período também que foram iniciadas, de forma mais sistemática, pesquisas que resultaram em propostas de exercícios físicos e práticas corporais específicas às mulheres.

Parece, então, que a Ginástica passa a ser mais uma receita e remédio para os males que afligiam uma sociedade ainda perplexa com suas próprias criações e assombrada com os rumos do seu destino.

26. CORBIN, 1991, v. 4, p. 608.



Fig. 28 - Aparelhos de Ortopedia, 1868.

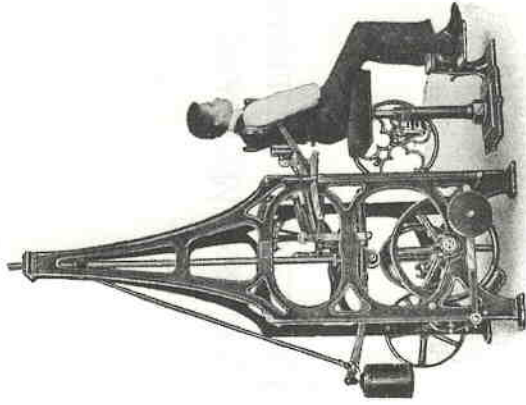


Fig. 29 - Aparelho Zander para extensão da coluna vertebral e para respiração provocada.

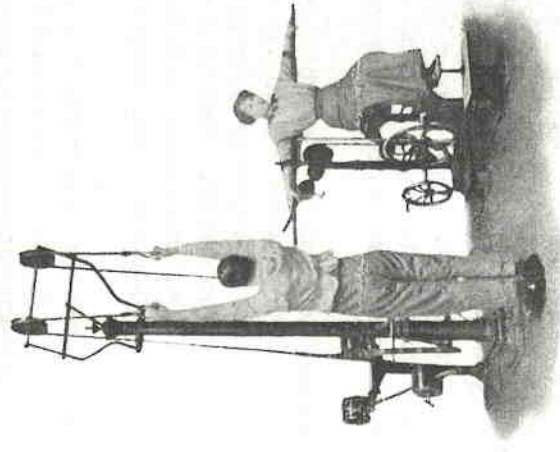


Fig. 30 - Aparelho Zander A³ e A 5/6 para a extensão e a flexão de braços e a abdução.